



POLÍTICA OPERÁRIA

Greve dos petroleiros chega ao seu fim

Os petroleiros acabam de encerrar uma greve extremamente dura. Foram 20 dias paralisando um setor estratégico da economia, que é o da produção de energia. A disposição de luta dos operários era imensa. Afinal, havia muita insatisfação com as demissões, com a política de privatizações e terceirizações, com o descumprimento pela empresa de acordos trabalhistas, entre outras questões.

A greve, no entanto, acabou com uma derrota. O governo jogou sujo com as multas ao sindicato e todo tipo de pressão, inclusive a ameaça de demissão. A mídia e a Justiça, que não têm nada de neutras, também deram a sua contribuição em favor da empresa.

O problema principal, contudo, esteve na política traidora das direções sindicais, que deveriam defender os trabalhadores, mas fizeram o contrário disso: enterraram a greve, mesmo com um acordo que não trazia qualquer conquista aos operários, quando o correto era lutar para a



O PROBLEMA PRINCIPAL, CONTUDO, ESTEVE NA POLÍTICA TRAIIDORA DAS DIREÇÕES SINDICAIS, QUE DEVERIAM DEFENDER OS TRABALHADORES, MAS FIZERAM O CONTRÁRIO DISSO:

expansão do movimento grevista, chamando outras categorias para uma luta unificada e fazendo manifestações massivas em todos o país.

QUAIS LIÇÕES OS ESTUDANTES DEVEM TIRAR DA GREVE DOS PETROLEIROS?

A luta de um setor operário, como é o caso dos petroleiros, pode parecer distante dos problemas enfrentados pela juventude oprimida. Mas não é. Na verdade, podemos perceber que a raiz das questões é a mesma: o capitalismo em crise. Além disso, o desenvolvimento da luta dos operários, com seus erros e acertos, permite ao movimento estudantil tirar importantes lições.

A juventude também padece com o desemprego e o subemprego. Também sofre com a miséria. Também acaba pagando o preço pela política de entrega das riquezas naturais

do país para os países imperialistas. Também enfrenta a repressão. Tudo isso tem sua causa fundamental no capitalismo apodrecido.

A juventude também luta, exemplo disso foram as ocupações de escolas em 2015 e 2016. E que exemplo deram os estudantes! No entanto, as direções das entidades tradicionais, como a UBES e a UNE, também atuaram como um freio para o combate da juventude. Assim como as direções sindicais, precisam ser varridas pela mobilização desde as bases, ou seja, a partir de um amplo movimento orguido em cada escola do país.

O boletim Juventude em Luta defende que os estudantes precisam aprender com o exemplo dos petroleiros de base, que apontaram o caminho correto para defender as suas reivindicações, que é a utilização do método da ação direta (greves, manifestações, ocupações etc.). O movimento estudantil precisa, ao mesmo tempo, construir uma nova direção, que seja classista e revolucionária, expulsando as atuais direções burocráticas e traidoras, retomando o controle das entidades para as mãos dos próprios estudantes.

É preciso eleger delegados classistas e revolucionários para o CONUBES!

Entre os dias 30/04 e 03/05 será realizado, em Brasília, o 43º Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Antes disso, porém, está colocada a tarefa de eleger os delegados em cada escola, no país inteiro.

A **Corrente Proletária Secundarista** coloca a importância de constituir uma fração oposicionista no interior da UBES, com um programa classista e revolucionário, baseado nos métodos da ação direta de massas. Esse

trabalho, que passa pela defesa dos grêmios livres, exige agora que se elejam representantes de luta, estudantes que estejam de acordo com a necessidade de enfrentar a ofensiva reacionária da burguesia e seus governos sobre o conjunto dos explorados.

O boletim Juventude em Luta convida os companheiros e companheiras a debater sobre a importância desse Congresso e como intervir nele com um programa revolucionário. Entre em contato conosco!

PMS ASSASSINOS DE PARAISÓPOLIS FICAM IMPUNES



Passados mais de dois meses do massacre no “Baile Funk da DZ7”, em Paraisópolis-SP, a Corregedoria da Polícia Militar do estado concluiu o inquérito e pediu o arquivamento das investigações. Eram 31 policiais militares que estavam sob investigação,

“suspeitos” de serem responsáveis pelo assassinato de 9 jovens.

Apesar dos vídeos que mostram explicitamente os abusos cometidos, e mesmo com os inúmeros testemunhos de amigos, familiares das vítimas e de outros jovens presentes no local da chacina, o braço armado do Estado ficará impune novamente. A alegação utilizada foi a já conhecida “legítima defesa”.

O fato não pode ser visto como uma mera fatalidade, como um evento isolado. Pelo contrário, as estatísticas relacionadas ao assassinato de jovens, particularmente dos negros e pobres nos bairros operários, alcançam o patamar de números de guerra. Trata-se de uma chaga do capitalismo semicolonial brasileiro. O avanço da barbárie atinge a classe operária e a juventude oprimida de maneira cada vez mais intensa, com a ampliação da miséria e com a destruição das condições de vida.

O boletim Juventude em Luta rechaça a investigação comandada pelos próprios assassinos e defende que somente um Tribunal Popular, saído da mobilização das massas, poderá investigar e punir os verdadeiros responsáveis por essa e todas as outras chacinas.

Denunciamos os crimes da burguesia e exigimos que as direções sindicais e as entidades estudantis levanten imediatamente uma ampla e massiva mobilização nacional em defesa da vida da juventude e dos explorados em geral, empunhando um programa classista de defesa dos empregos, salários e direitos. É preciso responder a cada manifestação concreta da opressão de classe com os métodos da luta de classes, sob a direção do proletariado.

POLICIAIS AGRIDEM E AMEAÇAM ESTUDANTES DENTRO DE ESCOLA ESTADUAL EM SP



No dia 18 de fevereiro, PMs foram filmados em uma ação extremamente truculenta, ocorrida no interior da E. E. Emygdio de Barros, no Jardim Bonfiglioli, na Zona Oeste da capital. Além de socos, empurrões e pontapés, um policial chegou a apontar a sua arma de fogo na direção de um grupo de estudantes. Policiais e a diretora da escola, que solicitou a presença da PM para resolver um problema interno, foram afastados.

Trata-se da violência policial corriqueira, que possui exemplos em abundância do lado de fora das instituições escolares. O fato de ocorrer dentro da escola é só mais um agravante. Se o caso tivesse ocorrido, porém, em um colégio particular, em bairro nobre, com alunos brancos e pertencentes a camadas sociais mais elevadas, a resposta da PM certamente seria outra.

O boletim Juventude em Luta rechaça a violência policial, assim como toda e qualquer tentativa de “justificar” o ocorrido, tentando responsabilizar os próprios estudantes. É preciso que o movimento estudantil organize uma campanha na Emygdio de Barros e em todas as outras escolas, pela expulsão da polícia. Em defesa da liberdade de ensino! Por um sistema único de Educação, gratuito, laico, científico, para todos, em todos os níveis e sob controle dos que estudam e trabalham.